



CRÔNICA

DIÁRIO DO RIO

Leonel Alvarado¹

RESUMO: Esta crônica surgiu de uma pesquisa sobre língua portuguesa e comunicações desenvolvida na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2018, e reflete a percepção de um estrangeiro, neste caso do poeta Leonel Alvarado, sobre o cotidiano da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: *Crônica. Literatura. Comunicações. Rio de Janeiro.*

ABSTRACT: This chronicle came out of a research on the portuguese language and communications carried out at the Federal University of Rio de Janeiro, in 2018, and reflects the perception of a foreigner, in this case poet Leonel Alvarado, of daily live in the city

KEYWORDS: *Chronicle. Literature. Communications. Rio de Janeiro.*

¹ Professor-adjunto da Massey University. Autor das coletâneas de poesia *El futuro que no fuimos*, *Casa vacía*, *El reino de la zarza* (Prêmio Latinoamericano EDUCA), *Xibalbá*, *Texas* (Prêmio Centroamericano de Literatura Rogelio Sinán), *Retratos mal hablados* (menção honrosa do Prêmio Casa de las Américas) e *Driving with Neruda to the Fish n' Chips*. Coordena os programas de português e de espanhol na Universidade de Massey, Nova Zelândia, onde vive atualmente. E-mail: l.alvarado@massey.ac.nz

Formiga no Forte

Vi uma formiga no Forte de Copacabana. Uma formiga atravessando a mureta que separa o Forte do mar. Ipanema e Copacabana ficam longe dessa formiga e ela não sabe dos turistas, dos governos militares, das guerras de independência, dos holandeses que controlaram a produção de açúcar no Nordeste, dos Bandeirantes do século XVI que caçavam indígenas e buscavam pedras e metais preciosos. A formiga não sabe do Forte, mas o Forte existe para que essa formiga possa atravessar a mureta e séculos de história brasileira.

A formiga ia depressa, possivelmente tinha esquecido alguma coisa no outro século. Talvez precisasse de uma coisa que os Bandeirantes haviam deixado entre as pedras preciosas e o sangue dos escravos. A mureta a ligava a tantas coisas que ela e nós preferiríamos esquecer.

Tirei uma foto da formiga. O Pão de Açúcar, sitiado pelos turistas, e não pelos holandeses donos das plantações de açúcar, fica ao fundo. Se a formiga pudesse, iria até aquela pedra, olharia para o mar e perguntaria “O que aconteceu aqui? Quem é o dono desse mar? Quanto sangue foi derramado para governar esta baía?” Mas é possível que a formiga não pergunte nada, só chegue e busque outra mureta que não esteja manchada por tanto sangue e tanta dor.

É possível que a formiga só busque aquilo que esqueceu em alguma parte do Rio, algo que todos esquecemos alguma vez e que nunca poderemos procurar porque alguma tristeza o engoliu.

O Pão de Açúcar e o Forte seguiram existindo. A formiga passará, nós passaremos, mas hoje tudo o que existe, existe para essa formiga que atravessa todas as muretas de nossa vida.

Pão de açúcar

Se esse pão fosse realmente de açúcar
toda a Baía de Guanabara seria uma xícara de café.

Selfie 1

Ela tira uma foto. Sorri. Pressiona o botão. O sorriso desaparece. Olha para a foto. Não fica satisfeita.

Tira outra *selfie*. Sorri outra vez. Pressiona o botão. O sorriso desaparece. Olha para a foto. Também não fica satisfeita.

Tira outra foto, etc.

Passam horas, dias, semanas, meses, anos.

5

Ela continua tirando fotos e ainda não fica satisfeita.

Real

Quanto pesa um real? Faz só algumas semanas que estou no Rio e não me atreveria a dizer. Levaria muitos séculos para saber a resposta.

E haveria imperadores, viscondes, marqueses, bispos, militares, golpes de Estado, crimes, fraudes e tantas injustiças que não caberiam no peso do real que o mendigo me pede na Praia de Botafogo.

Mas o mendigo não está interessado em marqueses, soldados e imperadores. Não está interessado no peso da história, mas na promessa que fica no real, a promessa que poderá aproximá-lo um pouco mais de um salgado.

A viagem até esse salgado passa pela história e pela minha mão. E um salgado precisa de muitos reais, muitas mãos, muitas histórias que explicam a viagem do real e talvez a vida deste mendigo na Praia de Botafogo.

Maria Quitéria de Jesus

Tem uma Maria neste Forte.

Cheguei tarde ao Forte, Maria, quando você já se chamava “Soldado Madeiros”. Teria me apaixonado por você, como Riobaldo por Diadorim.

O que você fez para que eu gostasse de você? Por quem lutou? Continuaría lutando agora que sua luta foi traída? Eu teria perguntado essas coisas se a tivesse conhecido.

Não sei se o Brasil se lembra de você. Cheguei na semana passada e já me lembro de você.

Tem uma foto sua no Forte de Copacabana e muitos turistas na praia. Acho que você lutou para que eles pudessem nadar aqui e cuidar da pele com protetor solar. Acredito que eles não precisem de sua proteção. Como poderia você competir com o protetor solar?

Seu lugar não é a praia, mas os livros, as histórias e o Forte onde sua foto não pode responder às minhas perguntas.

Guloseimas

Declaro, com toda seriedade, que ainda não comprei balas, biscoitos, chocolate ou picolé no ônibus.

Essas guloseimas são, para muitas pessoas, a melhor invenção do mundo.

Seis da tarde, sete, oito da noite. O trânsito fica entre você e sua casa. Seu estômago sabe disso e reclama. O moço também sabe e se aproveita de sua necessidade, que, em alguns casos, é pura debilidade.

Um real, dois reais fazem milagre.

O moço entra pela porta traseira do ônibus. Ele é generoso no que diz e no que oferece. Fala depressa, se move depressa, demonstra que os mercados e os estômagos operam em outra velocidade. Sua capacidade linguística é admirável. Ele consegue hipnotizar as pessoas com as qualidades das maravilhas que oferece. E ninguém pode resistir ao feitiço.

7

Centenas de ônibus no Rio tornam-se mercados e estômagos móveis, sítios de transações e magia. Os especialistas chamam a isso “economia informal”, mas as balas e os biscoitos não ligam para os especialistas. Uma barra de chocolate só pede um real, dois reais para que o estômago gigantesco do Rio continue a funcionar.

Pão de açúcar

Se esse pão fosse realmente de açúcar
o Cristo Redentor seria um salgado.

Selfie 2

Esse sorriso não é para mim. É para aqueles que olharão para este sorriso que vai lhes mostrar que estive aqui, com o mundo atrás de mim, que fui feliz nesse instante eterno antes do clique.

Brigadeiro

Um brigadeiro, eu acho, é mais que um brigadeiro.

Num brigadeiro cabem as plantações baianas do século XVIII.

Bartolomé de las Casas, que teve a ideia de trazer escravos à América, também cabe.

As transnacionais, que controlam o mercado internacional do cacau, também cabem.

Todas as cozinhas, onde tantas mães queimam os dedos para fazer seus filhos felizes, também cabem.

8

A nostalgia dos brasileiros que ouvem a palavra brigadeiro num país distante e ficam felizes também cabe.

Provei um brigadeiro uma vez e não pensei em plantações, escravos ou transnacionais. Não pensei porque tanto açúcar não me deixou pensar.

Tinha, sem saber, uma grande parte da história do Brasil na minha boca, mas tanto açúcar me aturdiu.

Possivelmente isso é intencional: esquecer tudo o que há em um brigadeiro, e se concentrar na lembrança dos dedos da sua mãe ou na doçura da nostalgia. O peso da história não pode competir com o prazer dessa doçura.

Um brigadeiro, também acho, só quer ser um brigadeiro.

Cimento Mauá

Vim para o Rio aprender isto: *Cimento Mauá, melhor não há.*

Nada do que aprendi até agora é tão importante. Cimento Mauá justifica a existência de Niemeyer, dos condomínios que Lúcio Costa deixou em frente ao Parque Guinle, do aeroporto que agora leva o nome de um cantor (e é legal descer no Rio ao ritmo de sua música).

O que seria de nossa vida sem o Cimento Mauá. Ele realiza nossos sonhos, nos permite viajar, caminhar por ruas intermináveis, voltar à casa e dizer: Obrigado, Cimento Mauá, por nos deixar arquitetos e artistas que tornam nossa vida melhor.

9

Escada no Pão de Açúcar

Finalmente encontrei a imperfeição nas escadas.

Tanto subir e descer. Tanto perigo a cada vez que passamos por esse buraco traiçoeiro.

A vida e suas imperfeições, suas ameaças, seus arranjos improvisados para salvar tanto pé.

Alguém remendou a ferida no concreto para que nossa vida possa continuar segura.

Mas a ferida é visível, o remendo salta à vista para que não nos esqueçamos desse lugar onde moram as dores.

Selfie 3

A *selfie* é um lugar sozinho.

Selfie 4

A fotografia, diz Susan Sontag, esteve associada à morte desde sua invenção.

Sorria, então, antes que isso ocorra.

Parque Guinle

Todos precisamos de um parque Guinle em nossas vidas. Um parque onde deixar a infância que nos fez.

Um parque com um lago para que o cachorro que sonhamos pule na água e saia do outro lado da nossa infância.

Um parque onde esconder a nossa inocência entre as árvores e voltar a procurá-la mais tarde na vida, e nos surpreender ao encontrá-la.

Guinle é o parque que todos ganhamos e perdemos. Nele cabem todos os lagos e todas as árvores com que sonhamos em nossa vida. Você visita um parque, por exemplo, na Índia, mas aquelas árvores ficam no Guinle e naquele lago onde seu cachorro continua nadando.

Toda sua vida transcorre buscando essas árvores e esperando que seu cachorro saia do outro lado de seus sonhos.

Selfie 5 no Parque Guinle

O que fica ao fundo é sua infância.

Selfie 6

Se sua infância tirasse uma *selfie*
o que ficaria ao fundo seria seu futuro.

Formiga no meio

Tinha uma formiga no meio da mureta, Drummond, no meio da mureta no Forte de Copacabana.

Os militares do Forte, aqueles que, de fato, eram bonecos de cera, tinham uma formiga que ia e vinha por seus uniformes rígidos.

Os militares do Forte foram atacados por uma formiga e saltaram de seus armários de exposição, baixaram as escadas e correram ao mar. Antes de saltar para escapar por fim da formiga, nem sequer viram o sinal: “Para sua segurança, não sente na mureta”.

Todos os militares de Copacabana, do Rio e do Brasil foram vencidos por uma formiga que tinha no meio da mureta, Drummond.

O autor deseja agradecer a Rafaela do Nascimento Melo e Ana Henaut, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pela revisão desses textos.